

O PARAFUSO

ANNO I

XXXXXXXXXXXX

JORNAL HUMORISTICO E NOTICIOSO

XXXXXXXXXXXX

NUM. I

O PARAFUSO

Publicação Dominical

Florianopolis, 19. de Novembro de 1916

Redactores - DIVERSOS

Numero avulso 100 rs.

Toda a Correspondencia de-
verá ser dirigida á Postâ-Res-
tante.

Iniciando...

Um jornalista europeu teve a curiosidade de observar que "o uso e o abuso do programma no Brazil é mais terrivel do que o uso do opio na China e o uso da morphina entre as damas e dandies dos Estados Unidos."

Homens e partidos se têm geralmente desacreditado com os seus programmas, pela simples razão de nunca serem observados. Dahi a razão porque modernamente se considera o programma—a molestia mais perniciosa que pode atacar um jornal, um jornalista, um deputado ou um partido.

O Parafuso não tem programma, ou por outra, podemos dizer como o grande Ruy Barbosa, quando apresentado pela Convenção de Agosto para disputar a gerencia dos destinos de nossa Patria:—o meu programma está na minha vida.

O nosso programma está na nossa vida.

Queremos unicamente propagar ideias sans, elevar o que fôr justo e nobre, condemnar o que fôr torpe e iniquo, gra-



*Tu ficaste em teu lar, qual no seu ninho
Fica a avesinha tranquilla e descuidosa,
Entre o beijo suave, entre o carinho
De tua mãe carissima e amorosa.*

*Eu infelitz parti triste e sosinho,
Seguindo a estrada ingreme e escabrosa,
O solitario e rispido caminho
A verdadeira "via dolorosa"!...*

*Atravessei planicies e montanhas,
Fui bem longe buscar terras extranhas
Do mundo me perdi no turbilhão.*

*Tu ficastes, pois bem creança amada;
Mas tua linda imugem foi gravada
No fundo de meu pobre coração!...*

Cannas-Vieiras

Geraldino AZEVEDO

cejar, e vivermos sempre impostos ao conceito publico, de quem muitas gentilezas temos que merecer.

E para execução de nosso ideal, pensamos ser necessario unicamente um pouco de energia, boa vontade, espirituosidade e nada mais.

Retratos...

Começamos hoje a organizar o nosso album. Para esse fim a nossa machina photographica, já entrou em funcionamento.

Eis um dos nossos primeiros photographados:

"Estatura mediana. Semblante á semelhança de céu pedrento, nariz, ah! por fallar em nariz, achamos que nem os genios de Praxistelles e Lysippo na estatuaría, ou Apelles e Protogenes na pintura eram capazes de burilar com maestria, a forma perfeita e admiravel de seu esthetico nariz.

Tem o garbo magestoso dos homens que pelas suas notabilidades, impõem-se ao respeito publico.

Anda sempre de cabeça erguida, tezo, qual soldado prussiano, movido pelo pessimismo de julgar a sua patria acima de tudo.

Tem pretencões á jornalista, e, note-se: jornalista com o res-

pectivo jótá maiusculo. Para pegar na penna com a mão canhoto e expandir-se n'um artigo de fundo sem *fundo*, em uma dezena de tiras de papel não ha outro. D'ahi a facilidade que elle tem de escrever o artigo dos pés para o cabelho... Celebrison se pelos fortes e calorosos artigos publicados n'O Bisturi.

Inimigo de retribuir os cumprimentos que alguém ousa lhe fazer, mostrando assim um quê de superioridade ou falta de bom senso.

Amigo de criticar, e inimigo de ser criticado.

Não conheceis?

Será o Iracy Brazil?

Photographo.



PARAFUSANDO

—Olá, amigo. Como vão as modas?

—Assim piando... piando...

—O que me contas de novo? Não parafuzastes nada?

—Não por enquanto nada tenho para te contar. Tu bem sabes em terra pequena o assumpto é escasso. E' uma raridade quando apparece uma novidade qualquer não é verdade.

—Sim, mas tem tanto assumpto para conversarmos hoje. Sobre o accordo, a chegada do Dr. Schmidt, os discursos, sobre estas cousas ainda não conversamos. Diga lá qual a tua impressão sobre as manifestação promovida pelo nosso povo ao illustre chefe do Executivo?

—As manifestações para mim revestiram-se de um brilhantismo desuzado. Os discursos é que estavam páus, não é verdade?

—Neste ponto, creio que tens razão. Os discursos foram compridos demais, arrei! Eu já estava pelos cabellos. Podemos dizer que ouvimos duas conferencias. Ora um cidadão levar

25 ou 30 tiras de papel para prender a attenção do publico, mais de 2 horas, e não ter compaixão de ninguém não é verdade?

Os discursos estavam muito bem feitos não resta menor duvida; mas, a questão é que não havia necessidade de fazer-se discursos de kilometros de tiras de papel. E foi justamente o que tirou toda a peesia dos taes discursos. Como tu bem sabes o nosso povo já estava a par de toda a questã de limites, não havia necessidade dos oradores trazerem todo o fundamento da questão.

—Justamente. Os discursos estavam páus. Já que estamos fallando em discursos, que tal o discurso do Ildefonso Juvenal, aquelle pretinho que é todo mettido á escriptor, e que muito antes da solução final já andava publicando folhetos em prol da solução por meio de um accordo amigável?

E' verdade. A meu ver o pretinho sabiu-se bem, pois eu estava perto do corêto e apreciei bem o negocio. Pena éra que ao meu lado tinha uma troça de vagabundos, gatinha despida de civilidade, que estavam fazendo barulho, um dos quaes exclamou assim: Olha, aquelle crioulo vae fallar. Que carrada de asneiras não vae sair d'aquella cachola...

—Mas enganou-se redondamente o nosso heroe. Quando o discurso estava pelo meio eu volvi o olhar e deparou-se-me o criticador a dizer entusiasmado:—Muito bem. E acabou batendo palmas.

Era que o nosso heroe pensava que o Juvenal por ser preto tambem devia ser analphabeto... Pois elle fallou muito bem, dizem os sensatos, em cujo numero está incluído o vosso criado. E' preciso acabar-se com esse pessimismo de julgar os homens pela cor...

—E o cinema ao ar livre, o cinema gratuito?

—Ora o Cinema! Nem me falles em semelhante cousa.

O tal cinema só valeu apenas agente apreciar porque era gratis, mas as fitas nada valiam dahi a fiasqueira que continuamente fazia o aparelho. As taes fitas da Universal, já está

mais do que provado:—Nada valem. Não obstante isso fitas de enredo complicado que não estavam ao alcance da intelligencia de 70 .l. dos espectadores... Onde estão as fitas de Bigodinho, de Max-Linder, de Cappozzi, de Bertini, tanto apreciadas pelo nosso povo? Confesso-te não gostei absolutamente d'aquellas xaropadas...

—Concordo. Elles podiam muito bem arranjar cousa melhor, mas, o que vale é que foi gratis, não é?

—E' Em todo caso elles fizeram melhor do que o Julio Moura, porque em regozijo áquelle auspicioso acontecimento exhibiram fitas gratis ao povo e o Julio Moura, de esperto que é, aproveitou a oportunidade para arranjar a tal «sessão em homenagem», entrando triumphantemente no bolso do nosso povo, não é verdade?

—Como não. Então tu não sabes que com o Julio Moura todo o negocio deve render arame.

—Elle hade arranjar ainda tanto arame, que...

—Que... o que?

—Hade morrer enforcado com arame farpado.

Kpítão.



Epitaphios

Aqui jaz quem se chamou o grande "jornalista", o Kaiado, que de «escriptor» acabou vendendo peixe no Mercado...

Aqui jaz o *juízo critico* que, pelo organ official fez um emulo de Luthero, sobre o livro do Juvenal.

Aqui jaz a pretensão d'esse novo calafate, que pensa mesmo ser poeta: o tal Americo Zancatte.

Aqui jaz o José Madaloni que á Ella mandou um recado, dizendo então ser um Burro mãs, Burro domesticado.

Kveira

VERSOS do tal peixinho
 "Cardoza," para serem can-
 tados com a musica da mo-
 dinha—Chora Morena:

A crise que atravessamos
 Tem sido mui lastimosa,
 Nem o pobre, nem o rico
 Deixam de comprar Cardoza.

ESTRIBILHO

Chora morena
 Que amanhã já vou embora,
 Quem não ha de chorar
 Por esse caminho afora.

O nosso amigo Zezinho
 Anda todo afobado,
 Por vender todos os dias
 Um cento—por dois cruzados.

Este gostozo peixinho
 Tem sido muito fallado!
 Desde que morreu um homem
 No seu azeite afogado.

Essas mocinhas bonitas
 Aniam muito presumpçosas,
 Quanto mais senão comessem
 Os taes peixinhos Cardozas.

Pela ruas da cidade
 Já não se pode passar,
 Pois o azeite da Cardoza
 No fogo pega a chiar.

Um homem aqui na cidade
 No mercado foi comprar
 O que havia de ser?...
 Cardoza... para jantar.

Era um homem encartolado
 Pois tinha bons dinheiros...
 Mas, deixou a carne verde
 Pelos maldictos peixinhos.

Uma mulher já idosa
 Ordenou sua Maroca,
 Que deixasse esse peixe
 P'ra comprar, a Sorórõca...

Mamãe esse peixe é caro
 Na crize que estamos então,
 Mas, antes seja Cardoza
 Que é vinte por um tostão.

Por todo canto se vê
 Até mesmo lá na Tõca,
 As cardozas nos varaes
 Com a maldicta Sororõca...

No mesmo logar fallado
 Dizem os filhos da Candinha,
 Com as espinhas se engasgou
 Uma moça bonitinha...

Pois a velha sua mãe
 Vendo da filha a afflição,
 Para tiral-a do perigo
 Gastou um bom dinheirão...

Adeus gente desta terra
 Desta terra grandiosa,
 Onde o pobre passa fartura
 No bom tempo da Cardoza.

K. OLHO

NOTICIARIO

A "Epoca," de sabbado ul-
 timo, teve a curiosidade de di-
 zer que não obstante as gran-
 des e torrencias chuvas, a
 agua a começar do Largo 13 de
 Maio, está sendo distribuida
 em doses homeopathicas.

Estão muito enganados os
 seus redactores. A agua não
 está sendo distribuida em do-
 zes homeopathias e sim em
 quantidade sufficiente, pois a
 ideia da regulamentação de seu
 fornecimento aos domicilios, par-
 tiu do distincto engenheiro Dr.
 Oscar Ramos, fiscal do Gover-
 no junto a Empreza, no senti-
 do de evitar que pessoas previ-
 legiadas estejam a usufruir a
 agua com exagero e em pre-
 juizo d'aquelles que contribu-
 indo com a mesma taxa, vêm-
 se privados do precioso liqui-
 do; mormente nos dias em que
 a temperatura achá-se elevada.

Ignoram então os redactores
 da Epoca que o desperdicio da
 agua nos logares baixos, tem re-
 dundado em prejuizos para a-
 quelles que residem nos logares
 elevados, como Morro do Au-
 tã, ruas Nova Trento, Cruz e
 Souza e outras?

A medida tomada pelo illus-
 tre D'. Oscar Ramos, foi muito
 justa. Não podemos de forma

alguma admittir que, uns pa-
 guem a agua para regalo de
 outros...

Necrologia

Falleceu, ha dias, nesta Ca-
 pital, o conhecido jornaléico "O
 Bisturi,"

Segundo os medicos que as-
 sistiram o seu ultimo suspiro,
 e em vista de ter sido aquella
 uma morte quasi repentina,
 cremos que o extinto foi vic-
 tima de uma extraordinaria
 «Congestão cerebral».

Por esse motivo acham-se
 muito pezarosos os "intelle-
 ctuaes, que o redigiam.

Nossos sentimentos.

De catraca...

Não é intuito nosso de, com
 esta chronica, ferir-mos a mó-
 ral dos jovens florianopolen-
 ses, apenas queremos fazer cri-
 tica, mas uma critica baseada
 no bom senso, porem não dis-
 pensamos de fazel-a uma vez
 que um patricio faça com que
 o nosso "Parafuso", encontre
 a tarracha em seus actos, o
 que, estamos certos, encontrará.

Não procuraremos declinar
 da critica muito embora quan-
 do ella fór feita a qualquer
 espalha "brasa,, e dahi a con-
 vicção que só nos haveremos
 com gente de semelhante ca-
 libre, pois que todos nesta ter-
 ra são de ,,cabellinhos,, nas
 ventas como se costuma dizer.

Cremos que, com o exposto
 acima, temos dito o mais que
 sufficiente para que os critica-
 dos não nos queiram mal pois
 quem não quizer ser parafusado
 proceda de maneiras a não dar
 ensejos a que o nosso catacre-
 dor o aviste pulando fora do
 quadrante, porque do contrario
 terá dois trabalho:—um de fi-

car zangado e outro: de cahir com o respectivo «nickolau» para nos dar a honra de lêr o nosso modesto jornal.

Mas, deixemos de tantas divagações, e parafuzemos o SALUSTIANO,

rapaz risonho, todo cheio de «subterfugios» e queijandos.

Não ha muito tempo, impellido pelas precarias circumstancias que o torturavam, ou por insuflações «manqués», o nosso heroe, arranjando uma collocação de official de Justiça,

arvorado, não sabemos por obra de que santo, — encasquetou-se-lhe no cerebro a mania de conbecedor de dódigos e «tuti quanti» diz respeito a sciencia em a qual se aprofundou o eminente Ruy. Assim é que pelos Cafés, jardins, redacções de jornaes, o nosso «extranhado» discute, e, quem pela primeira vez o vê, em sua pose habitual, julga-o-ha decerto, um membro de Academia ou cousa que o valha.

Alóra outros inconvenientes o «extraordinario» homunculo tem o abdomen todo cheio de «dedaes»...

Namorado, o nosso papanduva, tem a pretensão de ser bonito — na verdade não é dos mais feios, — e tanto assim é que á rua Rua José Veiga o mimoseia, isto é, tem a sua predilecção, pois que, nella reside — a fufo dos seus tenebrosos e equestres sonhos, — como disse o nosso caro Salustiano conversando na redacção do «Estado»!

O Salustiano! será que teu cerebro seja uma arena onde, á noite quando te deitas, os «clovns» do alto da sinagoga deem cambalbotas?

E devido a semelhante erupção «pullulum et esotericum» que andas fraco, muito embora te fosse receitado o passadio de «beffes» (no superlativo — finisissimo). Falla «gramaticalmente», isto é, com todas as regras que a grammatica exige e dahi o feio porque o nosso homem diz: «No torbihão da vida te arrebatou-te e polute como quer se rainha.

E' ser surrapal!
E, no mais: beffe, beffe, beffe.

KRRAPICHO.

UM POETA

DOMESTICADO !!!

O insigne vate José Magdalon Junior, redactor do jornal maxambomba «Sozinho», sabendo que sua namorada o havia tratado de burro, (sic) dirigiu-lhe uma carta, cujo conteúdo era, mais ou menos este:

«A senhorita chamou-me de burro; burro é aquelle que puxa carroça. E' bem verdade que sou burro, mas burro domesticado (!!!)».

O estylo é do poeta.

E' boa esta! O leitor não deve, porém, crer que um burro, embora domesticado como é o illustre vate, possa ser redactor de um jornal.

Do contrario, seremos obrigados a considerar «O Sozinho», d'ora avante, como carroça conductora das materias infectuosas.

O JOGO DO BICHO

Recem chegado de Angelina acha-se entre nós o allemão Xacó, que esteve em nossa redacção queixando sobre as irregularidades do jogo do bicho.

Publicamos abaixo a sua reclamação, e apellamos para as autoridades competentes afim de providenciarem á respeito.

Eis o que nos disse o pobre Xacó:

«Eu sabe que o senhorr bóta parra rua a jornalsinha Parrafusa, enton eu vem fala parra senhorr bota uma coisa na sua Parrafusa:

Um home diz pra mim: quem zonha con-alemon dá. Caballo; con taliano dá Borco; cem breto dá Urzo; con prasileiro dá Magaco; e tudo coisa azim.

Home fala mentirra, eu zóga no Alemon e perde tude dinher-

ro. Agorra eu non zóga mais na bicha que homem falla parra mim, eu vai zogarr na bicha brreta — o arribú,,

Novidades...

O Marinho que namorava uma moça no largo 13 de Maio, acabou o namoro, em vista da attitude contraria ao mesmo namoro, do avô e do Catharina.

Por esse motivo o Marinho mandou buscar um vistido e uma alliança que a tinha presenteado.

E' ser muito cara dura não é?

Uma moça residente no Largo 13 de Maio, que namora um conhecido «empata tempo», que diz a todo mundo quèrer cazar unicamente com os 20 contos que ella será mais tarde herdeira, em vista dos obstaculos de sua genitora ao tal namoro arranjou ha dias um simulacro de ataque. Variou, esperneou e acabou por dizer essas palavras: Ai meu Lindolphinho.

Lindolphinho é o bemsinho de seu coraçãozinho, um coio de marca gorda.

Uma outra residente na rua Padre Roma, diz ter uma dôr no coração, e pergunta a cada um que passa: não visse o Olavo? Ha meu...

Creio que essa joven acaba dando ataques mas não dirá: Ai meu Lindolphino, e, simi Ai meu Olavinho.

Por falta de espaço deixamos de publicar muitas coisas boas, por isso,

Queiram os amigos desculpar Por esse erro tão damninho, Pra domingo temos novidades.. Vão guardando o tostãozinho.